

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**ALTAMIRA OLIVEIRA DA SILVEIRA**

**MACUNAÍMA: IDENTIDADE ANTROPOFÁGICA**

**Jaguarão  
2023**

**ALTAMIRA OLIVEIRA DA SILVEIRA**

**MACUNAÍMA: IDENTIDADE ANTROPOFÁGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Português, Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Luís Fernando da Rosa Marozo

**Jaguarão  
2023**

ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

SILVEIRA, Altamira.

Macunaíma: Identidade antropofágica. – 2023.

33 p. : il.

Orientador: Luís Fernando Marozo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade  
Federal do Pampa, Letras - Habilitação Português/Espanhol e Respektivas  
Literaturas, Campus Jaguarão, 2023.

1. Modernismo. 2. Antropofagia. 3. Mario Andrade. 4. Macunaíma 5. Identidade



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

ALTAMIRA OLIVEIRA DA SILVEIRA

**MACUNAÍMA: IDENTIDADE ANTROPOFÁGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 07/07/2023

Banca examinadora:

*Prof. Drº Luís Fernando da Rosa*  
*Marozo Orientador*

UNIPAMPA

*Profa. Dr<sup>a</sup>. Yanna Karlla Gontijo  
Cunha Universidade Federal do Rio  
Grande*

*Profa. Msc. Maria Élia Gonçalves Martins  
Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Avançado  
Jaguarão*



---

Assinado eletronicamente por **LUIS FERNANDO DA ROSA MAROZO, PROFESSOR DO MAGISTERIOSUPERIOR**, em 11/07/2023, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, de acordo

com as normativas legais aplicáveis.



---

Assinado eletronicamente por **Maria Elia Gonçalves Martins, Usuário Externo**, em 11/07/2023, às 13:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



---

Assinado eletronicamente por **Yanna Karlla Cunha, Usuário Externo**, em 12/07/2023, às 13:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



---

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1172956** e o código CRC **D39DF5A3**.

---

*Unipampa – Campus  
Jaguarão*

*Rua Conselheiro Diana, nº 650 - Jaguarão/RS - CEP:  
96300-000 Telefones: (53) 3261-4269, (53) 3240-5450*

A Alcides Silveira e Herondina Oliveira (*in memoriam*)

## **AGRADECIMENTO**

A Deus por estar sempre à minha frente para me conduzir, orientar e para que eu tenha força de não desistir das coisas importantes da vida;

Ao Prof. Dr. Luís Fernando Marozo pela paciência em orientar e incentivar;

Às minhas sobrinhas Lurian, Nathana e Malú que me ajudaram em diferentes momentos do curso.

## **RESUMO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca analisar a obra “Macunaíma” do escritor Mário de Andrade. Este romance faz parte do Modernismo Brasileiro que teve diferentes perspectivas para pensar a criação da arte e da identidade brasileira. “Macunaíma” enquadra-se no movimento Antropofágico que defendia a criação de uma identidade que não excluísse a diversidade cultural do país e nem as influências estrangeiras que colaboraram na formação da nação. O foco dar-se-á através do personagem e de suas transformações, no percurso da narrativa, com o intuito de mostrar que Macunaíma é uma síntese do movimento antropofágico e representação da identidade nacional.

Palavras-Chave: Modernismo; Antropofagia; Mário Andrade; Macunaíma; Identidade.

## **RESUMEN**

Este “Trabalho de Conclusão de Curso” (TCC) busca analizar la obra “Macunaíma” del escritor Mário de Andrade. Esta novela hace parte del Modernismo Brasileño que tuvo distintas perspectivas para reflejar la creación del arte y de la identidad brasileña. “Macunaíma” está ubicada en el movimiento Antropofágico que defendía la creación de una identidad que no excluye la diversidad cultural del país, tampoco las influencias extranjeras que colaboraron en la formación de la nación. El foco se dará por medio del personaje y de sus transformaciones, en el transcurso de la narrativa, con el objetivo de mostrar que Macunaíma es una síntesis del movimiento antropofágico y de la representación de la identidad nacional.

Palabras clave: Modernismo; Antropofagia; Mario de Andrade; Macunaíma; Identidad.

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	.....	10
<b>2</b>	<b>Modernismo</b>	.....	13
2.1	REVISTAS	.....	15
2.1.1	<i>A Revista</i>	.....	15
2.1.2	<i>Revista Festa</i>	.....	15
2.1.3	<i>Revista Klaxon</i>	.....	16
2.1.4	<i>Revista Estética</i>	.....	16
2.1.5	<i>Revista Antropofágico</i>	.....	17
<b>2.2</b>	<b>GRUPOS</b>	.....	17
2.2.1	<i>Movimento Verde-Amarelo</i>	.....	17
2.2.2	<i>Movimento Pau-Brasil</i>	.....	18
2.2.3	<i>Movimento Regionalista</i>	.....	19
2.2.4	<i>Movimento Antropofágico</i>	.....	20
<b>3</b>	<b>MACUNAÍMA</b>	.....	20
<b>3.1</b>	AUTOR	.....	20
<b>3.2</b>	FONTES	.....	21
<b>3.3</b>	TRANSFORMAÇÕES	.....	24
<b>4</b>	<b>Considerações finais</b>	.....	29
<b>5</b>	<b>Referencias</b>	.....	32

## 1 INTRODUÇÃO

Nascida em 1959, no interior de Jaguarão, tive uma infância boa junto com meus pais e meus irmãos, só que no lugar em que morávamos não tinha escola. Somente em 1969, quando viemos para a cidade é que tive acesso ao estudo. Eu sempre me recordo da minha mãe dizer que tinha que achar um jeito de nos colocar na escola, pois não queria que seus filhos fossem analfabetos como ela. Em 1970 é que iniciei meus estudos no colégio Marcílio Dias. Entretanto, só consegui cursar até a terceira série porque tive que retornar com minha família para o interior para trabalhar na lavoura. Nossa situação financeira naquela época estava muito difícil. Só consegui terminar a quinta série no ano de 1975, na escola Marcílio Dias. No ano seguinte ingressei na Escola Joaquim Caetano da Silva onde fiquei até terminar o ensino fundamental. Passaram alguns anos para que eu ingressasse na Escola Carlos Alberto Ribas e cursasse contabilidade no Ensino Médio, mas não pude concluir pois com o falecimento de meu pai tive que trabalhar para ajudar em casa.

Trabalho desde os oito anos, mas a morte de meu pai, tive que colaborar ainda mais em casa por isso parei de estudar. Algum tempo depois, retornei, mas novamente a morte impediu que continuasse os estudos. Desta vez foi o falecimento de minha mãe, o que resultou no trancamento definitivo de meus estudos. Nunca abandonei o desejo de continuar os estudos, mas a vida foi colocando obstáculos. Em 1998, dez anos depois, ingressei no Instituto Estadual de Educação Espírito Santo e, em 1999, finalmente consegui terminar o ensino médio. Lembro que nesta época tinha o desejo de cursar uma faculdade, a princípio pretendia fazer o curso de matemática. Procurei informação, mas infelizmente não tinha condições de frequentar uma universidade, pois naquela época não havia faculdade federal em Jaguarão. A instituição mais próxima era em Arroio Grande, mas teria que pagar as mensalidades e mais o transporte, o que se tornou inviável naquele momento.

A morte de meus pais, a necessidade de trabalhar e a ausência de uma universidade gratuita foram as razões que me fizeram conseguir realizar meu sonho apenas agora. O ENEM possibilitou que muitas pessoas, como eu, realizassem o sonho de fazer uma faculdade. Este sonho que demorou 53 para realizar-se foi nutrido pela memória de minha mãe que apesar de não ter condições financeiras, sempre quis que todos os filhos estudassem e tivessem uma profissão. Ela nos falava do preconceito em que os meus tio-avós tinham em relação às mulheres estudarem. Eles acreditavam que a escola não era lugar de mulher, que lá elas só aprenderiam o que não presta, pois naquela época, lugar de mulher era em casa, cuidando do lar. Acredito que minha mãe incentivava nossos estudos porque não concordava com este

pensamento. Neste sentido, minha mãe tinha uma “mente aberta”, pois não era normal alguém que se criou no início do século passado ter aquela visão.

De certa forma acredito que a cor da pele não influenciou muito nos meus estudos, foi mais a falta de oportunidade mesmo. Em outro sentido, posso dizer também que geralmente a maioria das pessoas pobres são negro ou mulato o que gera mais dificuldade para poder estudar. Quando a Unipampa veio para Jaguarão, eu me animei novamente com a possibilidade de estudar em uma universidade. Em 2009, três anos depois da instalação do campus, que fui me informar quais os cursos estavam disponíveis. Confesso que foi uma decepção, pois não tinha aquilo que me interessava, geografia ou matemática. Foi em 2010, em uma festa de fim de ano na casa da minha irmã, debatendo com minhas sobrinhas sobre o ENEM, que em forma de brincadeira disse: “se eu fizesse, eu passaria”. Então, apostamos e esta brincadeira me trouxe até aqui. Eu passei naquele ano e ingressei no curso de Letras no turno da manhã. Nossa turma tinha sessenta e quatro alunos sendo que tinha como colega minha cunhada e minha sobrinha. No início fiquei apavorada, mas aos poucos fui gostando, embora achasse muito difícil. Aquilo que parecia certo, ou seja, terminar a faculdade, teve mais uma interrupção. O curso da manhã foi extinto e como trabalhava a noite tive que trancar por dois anos até que eu pudesse me aposentar e retornar às aulas. No segundo semestre de 2018 retornei ao sonho de me formar.

Neste tempo de formação não tive muito contato com leitura. Na infância, minha mãe nos contava histórias orais pois não sabia ler. Quando eu era mais jovem e aprendi a ler gostava de gibis, de fotonovelas e da literatura Rosa: Júlia, Sabrina e Bianca. Eu lembro quando acabava de ler, conseguia trocar na banca por outras revistinhas. Foi através destas leituras, e não de romances e contos, que tive acesso à ficção. Eu sempre tive muita dificuldade de interpretar, talvez fosse por falta de alguém para me explicar principalmente nas escolas que estudei, pois naquele tempo a literatura era muito superficial, era uma disciplina junto com o português.

Muitas vezes eu entendia em minha mente, mas quando precisava escrever acabava confundindo minhas ideias. Eu sei que pode ser falta de concentração, pois sempre fui muito agitada quando vou colocar os meus pensamentos no papel. Na faculdade aconteceu o mesmo, o professor deve se recordar que sempre tive muita dificuldade principalmente em literatura, mas também em outras matérias, e esse era um dos motivos que eu não queria fazer Letras. Talvez meu maior erro fosse ter passado muito tempo sem o hábito de ler, pois trabalhava muito e passei doze anos sem estudar. Lembro que um dia comentei com a professora Renata que quando entrei na faculdade tinha a sensação de que não sabia mais ler. Para mim as

disciplinas de literatura eram muitos difíceis, ao mesmo tempo elas foram me chamando muito atenção e eu gostava de fazer os trabalhos de análise dos textos literários e os professores me motivavam a melhorar cada vez mais.

O que despertou meu interesse em fazer o Trabalho de conclusão sobre Macunaíma foi durante a disciplina de Literatura Brasileira. Nesta cadeira o professor Luís Fernando Marozo trouxe este livro de Mário de Andrade. Na leitura achei interessante a ideia do Brasil constituído por uma mistura de etnias. A figura negra de Macunaíma foi um ponto importante porque consegui relacionar com a minha história e com a descendência de meus pais. Meu pai era descendente de português e italiano enquanto minha mãe, de africanos e espanhóis, ou seja, sou constituída de uma identidade antropofágica. Assim como o personagem, minha vida também sofreu várias transformações por diferentes motivos. A morte de meus pais, a ausência de escola onde nasci, a necessidade de trabalhar, a falta de condições de pagar um curso superior; inclusive o fato do curso de letras fechar a turma da manhã foram fatos que transformaram minha trajetória e que tive de transpor para conseguir chegar até aqui. Estes pontos aproximam minha história com o que será tratado neste trabalho de conclusão. Macunaíma é um personagem, de um livro, mas representa identidade brasileira vista pela perspectiva antropofágica. Esta visão pressupõe a construção de nossa identidade como um conjunto de elementos que estão antes do nosso nascimento, mas também com aquilo que percorremos durante nossa trajetória de vida.

Minha história e a de Macunaíma identificam-se pelas dificuldades durante a vida, no meu caso, principalmente em relação aos estudos; pela cor da pele e, sobretudo, pela busca de encontrar, meu lugar no mundo. Neste sentido, este trabalho de conclusão de curso é uma conquista, pois depois de muitas lutas e dificuldades que percorri durante a vida parece finalmente que vou conseguir meu diploma universitário tão desejado.

Para isso, o trabalho está dividido em duas partes centrais, mais a introdução e a conclusão. A primeira trata do Modernismo e das várias correntes, grupos e manifestos que o compõe. A ideia é apresentar este momento histórico como diferentes perspectivas para pensar a identidade brasileira. A segunda parte, trata do romance “Macunaíma”, que representa uma das perspectivas do Modernismo. Mário de Andrade que fazia parte do grupo antropofágico acredita que o Brasil era a união de uma diversidade de povos e de costumes. Nesta parte, o foco será no personagem e na sua capacidade de mudança diante de diferentes situações. O herói é a representação do brasileiro com suas diversidades e seus vícios.

## 2 Modernismo

No início do século XX, com muitas coisas que estavam acontecendo no mundo, como por exemplo, o fim da primeira Guerra Mundial em 1918 e a Revolução da Russa de 1917. No Brasil haviam muitas revoltas devido o descontentamento da população, pela situação política em que se encontrava o país. Neste período ocorreram fatos marcantes para a história do movimento de renovação literária e artística que culminaria na Semana de Arte Moderna. O Rio de Janeiro era o centro cultural e predominava ainda uma visão parnasosimbolista. Contrapondo esta visão, havia alguns jovens paulistas que tinham estudado na Europa e que tinham assimilado as vanguardas europeias. Entre os jovens estava Mário de Andrade (1893 - 1945) já contrariado com tudo que estava acontecendo no Brasil que era uma cópia dos estrangeiros, ou seja, o escritor defendia que já estava na hora de termos a nossa própria estética cultural.

Mário de Andrade Sobral, mais conhecido como Mário de Andrade, estreia na poesia em 1917 com o livro “Há uma gota de sangue em cada poema”. Os poemas contidos no livro são: Exaltação da paz; Inverno; Epitalâmico; Refrão de obus; Primavera; Espasmo; Guilherme; Devastação; Natal; Leviano, e os carnívoros. Esta obra não é propriamente moderna, pois ainda está marcado pela estética dominante que era a parnasosimbolista, no entanto, já é possível encontrar, alguns elementos novos. O livro traz críticas à Primeira Guerra Mundial, tendo caráter antibelicista e pacifista. Como parte do movimento modernista, o autor se utiliza na obra de uma postura ativista, mesmo deixando claro que os poemas ainda não estavam completamente maduros. Sua crítica se volta aos governantes, militares e líderes políticos, pois eles eram vistos como aqueles responsáveis pela violência do mundo, enquanto o Eu-lírico demonstra um desejo coletivo de paz. No movimento literário, do qual Mário de Andrade foi fundador, a poesia deveria refletir a sociedade contemporânea. Por isso, o título do livro traz a ideia do sangue nos poemas, o que denota a violência que assolou a sociedade durante a primeira guerra. Apesar de poder ser considerado um livro vanguardista por seu caráter político, ainda mantinha, na sua estrutura, as tradições literárias anteriores ao Modernismo.

Era necessário um novo olhar para o Brasil. No entanto, o elemento mais dramático e provavelmente que melhor anunciou as mudanças está na exposição de Anita Malfatti, inaugurada na tarde de 12 de dezembro de 1917. A artista, além do expressionismo que aprendera na Alemanha e já tivera oportunidade de mostrar em outra exposição, traz ainda sua originalidade na bagagem com a sua experiência nos Estados Unidos. Estamos diante de uma

arte que se exhibe em traços fortes demais para o convencionalismo de uma São Paulo provinciana. Jornais e revistas comentam os quadros, ressaltando os descompassos entre artistas e o grande público. A exposição cresce em escândalos, embora muitos quadros sejam adquiridos. No entanto, a temperatura sobe quando Monteiro Lobato, já jornalista consagrado, publica o artigo “Paranoia ou mistificação” na edição noturna do jornal Estado de São Paulo.

A crítica violenta de Lobato reflete desastrosamente sobre a exposição e sobre a vida familiar de Anita. A artista recebe de volta muitos dos quadros que tinham sido vendidos, e evidentemente sofre bastante. Este acontecimento, contudo cria as bases para uma espécie de divisor de águas. Dessa maneira, o artigo de Monteiro Lobato tem a capacidade de congrega aqueles vários artistas, intelectuais insatisfeitos com os rumos de uma tradição de pensamento e de artistas. Esta revolta serve como um dos estopins da Semana de Arte Moderna de 1922.

A Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo no Teatro Municipal entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, foi o evento que deu visibilidade para uma das escolas literárias mais inovadoras e importantes da história da literatura brasileira – O Modernismo. Apesar das primeiras manifestações modernistas terem surgido em São Paulo na década de 1910, foi apenas a partir de 1922 que o movimento ganhou visibilidade fora da capital paulista, alcançando outras partes do país. O Modernismo foi um movimento artístico, cultural, político e social bem amplo e representou uma ruptura com os padrões artísticos tradicionais. A primeira geração ou primeira fase é chamada de “fase heroica” e se estende de 1922 até 1930. Os artistas que merecem destaque nessa primeira fase fizeram parte do chamado “Grupo dos Cinco”. Esse grupo esteve composto pelos artistas: Mário de Andrade (1893 - 1945), Oswald de Andrade (1899 – 1954), Menotti Del Picchia,(1892 – 1988), Tarsila do Amaral (1886 – 1973) e Anita Malfatti (1889 – 1964).

Importante lembrar que muitos artistas foram estudar na Europa, sobretudo em Paris (centro irradiador cultural e artístico da época) e trouxeram inovações no campo das artes. Ainda que utilizassem as características das vanguardas europeias, buscavam apresentar uma arte mais brasileira (brasilidade). Por esse motivo, a primeira fase modernista priorizou temas pautados no nacionalismo, portanto na cultura e identidade do Brasil.

Se uma característica desse período de afirmação nacional foi uma nova visão artística sobre o Brasil, a disseminação de diversos grupos e manifestos demonstra que não era unânime o pensamento de renovação da arte e do modo de pensar o país. Neste sentido, a publicação de algumas revistas auxiliaram na divulgação das ideias modernistas. É importante ressaltar que havia revistas significativas em outros estados como “A Revista” em Minas Gerais e a “Festa” no Rio de Janeiro. Entretanto, para este trabalho final de curso a

ênfase dar-se-á nas paulistas porque Macunaíma apresenta a proposta de uma arte antropofágica. Então abaixo trataremos mais especificamente das principais revistas, os grupos e manifestos.

## **2.1 Revistas Modernistas**

### **2.1.1 A “Revista”**

Foi publicada em 1925, na cidade de *Belo Horizonte*, Minas Gerais, por poetas e artistas de diferentes estados do Brasil. É considerada a terceira revista modernista brasileira e a primeira de Minas Gerais. Só teve três edições, em julho de 1925, em agosto de 1925 e janeiro de 1926. Como era uma revista modernista, tentava unir, misturar o velho com o novo trazendo o leitor com entretenimentos, poesias, comerciais, relatos e notícias. Mário de Andrade em carta a Drummond sugere que "botem bem misturados o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível". Nesta sugestão do jovem paulista ao mineiro, fica subentendido o que os ligava era a busca de uma identidade local com traços brasileiros e vanguardistas.

Os diretores foram Francisco, Martins de Almeida e Carlos Drummond de Andrade; os redatores, *Emílio Moura* e *Gregoriano Canedo*; e entre os colaboradores da publicação estavam *Manuel Bandeira*, *Ronald de Carvalho*, *Mário de Andrade*, *João Alphonsus*, *Abgar Renault* e *Pedro Nava*.

A “Revista” publica na primeira edição, em seu programa, sob o título, "Para os Céticos" e afirma: "Não somos românticos; somos jovens. [...] Somos pela renovação intelectual do Brasil, renovação que se tornou um imperativo categórico. [...] Depois da destruição do jugo colonial e do jugo escravagista, e do advento da forma republicana, parecia que nada mais havia a fazer senão cruzar os braços. Engano. Resta-nos humanizar o Brasil." Como pode ser visto acima, a proposta era afirmar a renovação da arte e propor uma nova cultura baseado na transformação em que se encontrava o país.

### **2.1.2 Revista Festa**

Era mensal e também tinha como subtítulo “pensamento e arte”. Surge em primeiro de agosto de 1927 no Rio de Janeiro, então capital federal. A “Festa” foi impressa pela Alba, que estava localizada na rua Maranguape, 17, no bairro da Lapa, onde também funcionavam a redação e a administração. Com treze números publicados, ela circulou até janeiro de 1929. Em julho 1934 ela retorna, em uma segunda fase, na qual Nelson Wernecke Sodré denominou de “Repique”. O novo subtítulo inverteu a ordem dos substantivos, passando a denominar

“arte e pensamento”. Neste sentido, a arte ganha mais ênfase na segunda fase. Ocorre que na primeira fase havia uma carga católica e neo-simbolista, ou seja, o pensamento buscava não romper com o passado, como as revistas paulistas queriam, mas afirmar o passado, marcar a continuidade da tradição.

A série desta nova fase volta ao ano 1, número 1 indo até o número 9, quando encerra definitivamente a circulação, em agosto de 1935. Aparecendo como proprietários, alguns jovens literatos participaram ativamente na elaboração da revista, formando o Grupo Festa. Eram brasileiros que cultivavam a linha espiritualista católica e que defendiam pela afirmação da nacionalidade por intermédio da arte e da cultura: Andrade Muricy (1895- 1984), Henrique Abílio, Porphyrio Soares Netto, Lacerda Pinto, Adelino Magalhães, Barreto Filho, Basílio Itiberê e Tarso da Silveira (1895 – 1968). O grupo teve seu auge entre 1920 e 1930 e suas ideias estavam relacionadas com tradições antigas e conservadoras.

### **2.1.3 Revista Klaxon**

Foi um veículo de divulgação da produção dos modernistas paulistas. Surgiu em maio de 1922 e foi encerrada em janeiro de 1923, contou com nove números, sendo o último duplo. Esta revista é de grande importância porque surge como consequência da Semana de Arte Moderna. Seu aspecto gráfico é bastante original e mantém o vigor, mesmo para a atualidade. Era mensária, falava de arte moderna e foi o primeiro veículo dedicado à propagação das ideias lançadas pelos modernistas paulistas. A revista “Klaxon” tem sua pauta definida em reuniões com seus idealizadores, funcionando como um órgão coletivo. Apesar disso, ganha relevância para este trabalho, porque teve como principal idealizador e colaborador o escritor Mário de Andrade.

O principal propósito da revista foi servir de divulgação para o movimento modernista, e nela colaboraram nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Tarsila do Amaral e Graça Aranha, entre outros artistas e escritores.

### **2.1.4 Revista Estética**

Seguindo passos da revista “Klaxon”, que publicou nove números em São Paulo entre 1922 e 1923, a “Estética” foi lançada no Rio de Janeiro, entre os anos de 1924 e 1925, pelos jovens Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda, com mesmo objetivo de sua antecessora Paulista. Tratava-se de um veículo para divulgação das ideias Modernistas nas

artes e literatura. A “Estética” teve vida curta, mas marcante e influente. Seus colaboradores foram basicamente os mesmos que fizeram o sucesso de Klaxon.

Dos três exemplares da revista, Manuel Bandeira contribuiu para dois volumes, no número 2 ele oferece “Camelôs” e “Comentário Musical” e no número 3 (último da revista) ele contribui com “O Cacto”, “Mulheres”, “Não sei dançar” e “Pensão Familiar”. Todos os poemas fizeram parte do volume “Libertinagem” que seria editado em 1930, e “Não sei dançar” que foi a poesia de abertura do livro. Neste aspecto, **Estética** é relevante porque leva a visão do modernismo paulista para o Rio de Janeiro onde a tradição literária era muito forte.

### **2.1.5 Revista Antropofagia**

Da mesma forma que a revista “Klaxon”, “Antropofagia” foi um desdobramento ou consequência da Semana de Arte Moderna. Surgiu em São Paulo em maio de 1928, idealizada por Oswald de Andrade e Raul Bopp, e terminou em agosto de 1929. O Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade foi publicado na revista que teve dois momentos distintos ou duas denteições, ou seja, duas formas distintas de mastigar. A primeira, de maio de 1928 a fevereiro de 1929, caracterizou-se por uma acentuada irreverência e por uma consciência ingênua do modernismo semelhante à revista “Klaxon”. Neste primeiro período, era uma publicação de oito páginas. Na segunda edição, limitada a uma página no Diário de São Paulo entre março e agosto de 1929, a “Antropofagia” assume contorno mais definido. Defende a devoração das técnicas, informações e elementos culturais dos países subdesenvolvidos para reelaborá-los convertendo-os em produtos de exportação. A proposta era abalar os valores de época e caracterizou-se pelo espírito irreverente, pelas ideias combativas, pela tomada de posições radicais, envolvendo principalmente experiências estéticas e culturais.

Entorno das revistas estavam os grupos de escritores que conjugavam ideias sobre arte e pensamento para renovação brasileira. Os dois principais grupos foram o Verde-Amarelo com uma visão mais radical e o antropofágico que buscava não negar o que era estrangeiro, mas alimentar-se dele para construir uma nova cultura baseada nessas informações.

## **2.2 GRUPOS**

### **2.2.1 Movimento verde-amarelo.**

Movimento “Verde Amarelo” foi um movimento literário nacionalista dentro do Modernismo brasileiro. Um dos seus principais representantes foi o escritor, jornalista, poeta historiador Plínio Salgado, conservador brasileiro que fundou e liderou a Ação Integralista

Brasileira (AIB), partido nacionalista católico de extrema direita inspirado nos princípios do fascista italiano. Ele um dos fundadores do movimento, em conjunto com Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, também escritores.

O movimento “Verde-amarelíssimo”, como também ficou conhecido, foi fundado em 1926. O marco inicial foi a conferência dada por Plínio Salgado, ocorrida nesse ano, cujo título era “Anta e o Curupira”. Em 1927, o movimento passou a ser chamado de Grupo Anta. O movimento sustentava em seu Manifesto oficial, como regra fundamental, “a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder”. A Escola da Anta ou Grupo Anta partia para a idolatria do Tupi, defendia o patriotismo em excesso e apresentava inclinações nazistas. Elege a anta como símbolo nacional por ser um animal que representa o Brasil. Suas características estão pautadas em uma cultura puramente brasileira, sem influências estrangeiras, diferente da visão antropofágica. O movimento Verde-Amarelo defendia a presença do nativismo e valorização dos indígenas brasileiros e valorizam o passado brasileiro de acordo das tradições puramente nacionais. Acreditavam no uso de linguagem coloquial, informal no lugar do uso das regras gramaticais rígidas. O grupo antropofágico apesar de valorizar os elementos nacionais, focava no presente e na inserção dos valores que vieram de fora, mas fundamentais para entender o Brasil.

Na literatura, a forma pliniana é tipicamente nacionalista. Plínio busca uma fisionomia linguística espontânea, mergulhando no mistério do português brasileiro, na vida nacional e na natureza americana. Para isso articula brasileirismo, individualismo e africanismo com propriedades fonéticas e sintáticas. A literatura Pliniana é caracterizada, assim por um forte simbolismo. Ela agita na luta ente o ideal e a realidade, o ser humano debatendo-se entre o espírito e a matéria.

Profundamente nacionalista Plínio Salgado buscou desenvolver uma estética espontaneamente brasileira através de um “nacionalismo interior e intuitivo”. Reagindo contra as outras tendências modernistas, através da “Revolução da Anta” Plínio executou um projeto literário voltado não apenas a contar histórias interessantes, mas a explorar a própria vida brasileira.

### **2.2.2 Movimento pau-brasil**

Foi um movimento de carácter artístico que surgiu em 1924, no contexto da fase inicial do Modernismo. Esse movimento foi criado pela pintora e desenhista Tarsila do Amaral e pelo escritor Oswald de Andrade e se desenvolveu principalmente na área da

literatura e pintura com a publicação do livro “Pau-Brasil”, em 1925, de Oswald de Andrade. A ilustração desse livro foi feita pela artista plástica Tarsila do Amaral.

As principais características do movimento foram as influências das Vanguardas europeias; a inovação e originalidade, principalmente, no campo da poesia, a linguagem irreverente e simples. Além disso, seus participantes valorizavam a história brasileira, mas sem ufanismo e com visão crítica. Oswald Andrade, por exemplo, criticou a idealização da história do Brasil, a qual valorizava apenas os personagens mais ricos e populares, enquanto ele, deu ênfase as pessoas mais simples, os índios e escravos. O manifesto estava intimamente ligado aos poemas do volume intitulado “Poesia Pau Brasil”. Além disso, eram várias reflexões que demonstrava que o manifesto era de cunho estético, isto é, direcionada especificamente à poesia. É claro em sua linguagem telegrafada vinha carregada do espírito da qual Oswald Andrade devoraria, mas Oswald distancia-se de Mário de Andrade porque este devorava inclusive o passado como elemento formador da identidade presente.

### **2.2.3 Movimento Regionalista**

Este movimento foi de grande importância regional e partiu da cidade do Recife para espalhar-se pelo país. Nos artigos de Gilberto Freyre publicados no Diário de Pernambuco a partir de 1918, é possível constatar a preocupação no sentido de que o Brasil, principalmente o Recife, não fosse descaracterizado por cosmopolitismo. O movimento temia que fosse desfigurada a cultura regional, pois acreditava que o país era resultado de um conjunto das diversidades culturais de cada estado. Caracteristicamente, nos seus artigos que vão de 1923 a 1925, vemos Gilberto Freyre defender o regionalismo, culinária, trajes, e também a preservação dos valores culturais ameaçados pelo modernismo cosmopolita. Seus membros defendiam uma cultura regional cada um com seus princípios e costumes e que não fosse influenciado umas pelas outras, ou seja, que tivéssemos uma nova estética cultural sem desprezar os costumes de cada região respeitando as tradições de cada lugar.

Este modernismo teve repercussão nos estados vizinhos, e daí surgiram novas ideias criativas dentro de espírito de regionalista e que ajudou a despertar alguns brasileiros, que contribuindo para o Brasil se reencontrasse com sua verdadeira identidade cultural nos escritores, artistas cientistas e educadores. Foi com base em todas essas pesquisas de escritores que participaram da Semana de Artes Moderna de “1922” principalmente o

vanguardista como Mário de Andrade é que nasce Macunaíma que representava muito bem a cara do Brasil naquele momento.

#### **2.2.4 Movimento antropofágico**

Foi um movimento artístico e cultural que surgiu no Brasil no começo da década de 1920, desenvolveu-se principalmente no campo das Artes Plásticas e da Literatura. Foi um movimento de vanguarda e esteve ligado ao contexto da Semana de Arte Moderna de 1922. O Manifesto foi publicado na primeira edição da Revista de Antropofagia, meio de comunicação responsável pela difusão do movimento antropofágico brasileiro. A linguagem do manifesto é majoritariamente metafórica, contendo fragmentos poéticos bem-humorados e torna-se a fonte teórica do movimento. Foi dado esse nome (Antropofagia = Canibalismo), pois seus integrantes escritores e artistas plásticos defendiam a ideia de que a cultura europeia, dominante e com grande influência no Brasil daquela época, deveria ser “devorada e digerida” no Brasil antes de ser transformada em expressão artística nacional e original. Os escritores desse movimento foram a pintora Tarsila do Amaral e o escritor Oswald de Andrade que também pertenceu ao “Pau-Brasil”; Menotti del Picchia que também pertenceu ao Verde-Amarelo; Raul Bopp que também pertenceu ao Regionalismo e Mário de Andrade seu grande representante. O Antropofágico é um movimento de síntese, enquanto o romance “Macunaíma” uma obra que condensa a ideia de arte e de Brasil.

## **2 Macunaíma**

### **3.1 Autor**

Mário de Andrade participou da primeira fase do Modernismo no Brasil, em 1922. Ele uniu os conhecimentos das vanguardas paulistas, com as trazidas de fora para criar uma obra que abrangesse várias áreas, principalmente, no âmbito da linguagem. A língua culta portuguesa uniu-se as variações regionais e com isso retratou o povo e suas culturas, ou seja, a pluralidade brasileira. Neste sentido, não estava presente apenas a representação das elites dos grandes centros como São Paulo, mas também o interior, as periferias, as matas e florestas onde se localizavam diferentes comunidades indígenas e quilombolas.

Esta perspectiva estava vinculada ao grupo antropofágico que buscava alimentar-se de todas as tendências e informações para assimilar e transformar em algo genuíno. Mário de Andrade usa imagens para representar características, além da história ficcional. Em

Macunaíma, podemos ver por meio das metáforas e dos personagens míticos um projeto de arte e de uma visão sobre a identidade nacional; incluindo críticas sobre a forma que o Brasil se constituiu como nação no início da colonização portuguesa e como isso repercute ainda hoje na sociedade brasileira.

A colonização no Brasil é resultado de um “processo de hibridação”, no qual os costumes e a cultura dos povos originários e de povos escravizados perderam e adquiriram novas formatações. De toda essa mistura que é composto o povo brasileiro. Mário de Andrade não podia ignorar o que compunha o Brasil daquela época, e assim criou uma estética cultural, levando em conta essa carga cultural existente, aqui, desde a chegada dos colonizadores europeus.

Mário de Andrade retrata a mistura da população que formara o Brasil com os povos indígenas, os negros trazidos como escravos, os portugueses e outros colonizadores, que com o tempo foram chegando ao Brasil e constituíram suas famílias. Então, o Brasil é a mistura dos índios com um conjunto de diferentes sujeitos: os portugueses, os negros trazidos da África como escravos, os colonos de várias partes da Europa e da Ásia.

Macunaíma reflete esta mistura e remete a um dos projetos da Semana de Arte Moderna. Seu autor, Mário de Andrade, pertencia ao grupo antropofágico cujo movimento procurava descrever o Brasil em sua pluralidade, alimentar-se do que vinha de fora e do que já tinha aqui dentro para apresentar uma visão de país com sua diversidade.

Geralmente os imigrantes colonizadores chegavam aqui sozinhos sem seus familiares, e com o tempo iam constituindo suas tradições. Com essa mistura foi se constituindo a história dessa nação, com uma nova política cultural social econômica e também literária, baseadas na diversidade. É a partir dos costumes adquiridos aqui dentro que Mário de Andrade resolve criar esta estética cultural. José Miguel Wisnick (CAFÉ FILOSÓFICO, 2016) ressalta que depois de Mário de Andrade ter percorrido todo Brasil e conhecer as diferentes culturas de cada lugar onde esteve, foi a partir dessas informações que ele vai se alimentando, das maravilhas, diversidades e mitos para criar uma obra literária nova, com tais características. Entretanto, neste caldeirão também estão as leituras de autores anteriores que contribuíram para pensar a nação.

Neste sentido, a seguir apresentarei as fontes que tiveram um papel relevante para a constituição de “Macunaíma” e tratarei do personagem da narrativa que com suas transformações representa nossa pluralidade.

### **3.2 Fontes**

As fontes, que se relacionam de alguma forma com a obra “Macunaíma”, são muitas. Uma fundamental é o indianismo de José de Alencar, pois quando Mário de Andrade cria um herói chamado Macunaíma, com traços da miscigenação local, fica evidente a oposição ao Peri, herói de “O Guarani”. A contraposição do indianismo romântico fica evidente na narrativa de Mário de Andrade, porque Alencar pensa um índio idealizado com aspectos externos indígenas, mas com uma clara moral cristã, recuperada de uma tradição europeia. A beleza do personagem remete a um homem culto e religioso baseado no romantismo, trazido pelos colonizadores, o oposto do índio amazônico e do negro escravo, que os jesuítas tentaram catequizar dentro dos valores cristãos. O herói de Mário de Andrade representa o indisciplinado, a peculiaridade daqueles povos indígenas que não aceitaram as normas religiosas impostas pelos colonizadores, pois tinham seu modo de viver com suas crenças religiosas, com seus rituais de acordo com cada tribo, ou como muitos negros que tentaram resistir à violência através de diferentes estratégias de manter sua cultura. Povos que viviam nas senzalas, nos quilombos e cultuavam seus rituais trazidos da África, como o candomblé. No texto modernista há um grande número de lendas e mitos indígenas, diferente dos textos românticos em que o cristianismo é base para o comportamento de Peri e Iracema, neste sentido, Alencar exclui o negro, porque vem de fora, e em relação ao índio, idealiza-o.

Devido às situações adversas e para fazer oposição à obra de Alencar, é que Mário de Andrade escreve sua narrativa, não fugindo das raízes reais do Brasil. É assim que nasce Macunaíma, com Mário de Andrade tentando mostrar as diversidades culturais, as mazelas do país e o modo do povo resolver seus problemas. Alencar procura apagar a visão de que o índio era explorado. É o que acontece com Iracema, a índia retratada como uma princesa por sua beleza, que é conquistada pelo português. A relação entre Martim e Iracema representa o branco colonizador e o índio. Alencar junta a cultura europeia e a civilização indígena, mas os valores dão ao romantismo uma ideia de que o Brasil é a união entre apenas Portugal e os povos originários; apesar de que estes povos só eram representados externamente. Macunaíma não tem nada que represente o idealismo de “O Guarani” e nem de “Iracema”.

Mário de Andrade para construir seu herói mergulhou nos estudos que existiam no Brasil sobre lendas e folclores. Entretanto, também alimentou-se das pesquisas de estrangeiros. Uma fonte fundamental foi o Alemão Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), grande estudioso de etnografia, etnologia e do folclore dos povos indígenas brasileiros. Koch percorreu muitas tribos da Amazônia e em suas pesquisas constatou, através de seus mitos costumes e línguas, que nesta região existiam inúmeras riquezas, destes povos de vida simples que habitavam a divisa do Brasil, Venezuela e Guiana Inglesa até o Rio Orinoco, região que

abrange toda costa da América do Sul. Aliás, foi na divisa com a Venezuela que o alemão encontrou duas tribos isoladas de índios, os “Taulipangue e os Arecunás”. Através de ilustrações e de narrativas orais, o etnólogo recuperou fatos culturais, espirituais e linguísticas daqueles sujeitos. Foi baseado nessas informações, que Mário de Andrade descobre um esperto, malandro, argiloso e mítico personagem que estes povos cultuavam cujo nome era Macunaíma que “na língua indígena significa grande mal”.

Assim, o modernista criou a história ficcional e complexa, de um personagem cheio de variações. Alguém que transita entre o esperto e o perverso, que faz peraltices, mas, ao mesmo tempo, coisas grandiosas que acabam se apequenando devido à sua personalidade estável, ou seja, alguém que não sabe bem o que deseja ou mesmo qual lugar ocupa no mundo. De certa maneira, este aspecto está presente em “Retratos do Brasil: Ensaio sobre a Tristeza Brasileira”, obra célebre de Paulo Prado, escrito entre os anos de 1926 a 1928 dividido em quatro capítulos: São eles: I – A Luxúria, II – A Cobiça, III – A Tristeza e IV – O *Romantismo*. Em tal obra, Paulo Prado vê a sociedade brasileira atrasada, porque com o decorrer do tempo não produziu o que poderia ter produzido, levando em conta as riquezas do país e sua cultura local.

Nos dois primeiros capítulos, Paulo Prado descreve as características do povoamento e a exploração, pelos colonizadores, das riquezas existentes aqui. O terceiro capítulo o autor identifica o mal estar e as tristezas pelas normas impostas pelos portugueses e trazidas com eles, e que causavam opressão nos povos originários, enquanto, a quarta parte denuncia o romantismo como uma forma de implantação e conservação das tradições europeias, sem levar em conta os costumes dos povos originários.

É necessário lembrar que “Macunaíma” é dedicado a Paulo Prado. Mário de Andrade parece resolver o ideal através da ficção.

O povoamento e a exploração do Brasil, segundo Prado, são caracterizados por uma visão na qual os povos indígenas eram vistos como selvagens frente à metrópole por não respeitarem regras morais. Macunaíma, ao não seguir regras e a moralidade pré-determinadas, consegue adaptar-se a cada espaço e estabelecer vínculos tanto com os povos da floresta como com os povos das cidades. Mário rompe com a visão paradisíaca proposta pelo colonizador e problematiza a visão civilizatória defendida pela Europa. Ao problematizar a formação de vida imposta pelos exploradores de ouro e de outros bens preciosos, existentes neste território e que, segundo Prado, causou muito descontentamento e melancolia, Mário configurou em Macunaíma aquilo que “originou” o povo brasileiro, ou seja, a narrativa modernista procura de modo ficcional, as raízes do Brasil.

Neste sentido, a obra de Mário antecipa o livro de Sérgio Buarque de Holanda que seria publicado em 1936. “Raízes do Brasil” é uma interpretação da formação da sociedade brasileira, na qual o legado personalista da experiência colonial consistia o obstáculo a ser vencido. Se “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre louva a mestiçagem e a desfaz o fardo determinante impostos pelas situações raciais e científicas da época, Buarque de Holanda busca a construção de uma nova nação baseada em uma democracia livre e moderna sem a herança colonial, que estava enraizado dentro do Brasil. Em grande medida é isso que Mário de Andrade faz em “Macunaíma”, mas sem esquecer os efeitos deletérios do encontro com o colonizador.

A proposta antropofágica não presume a exclusão, mas o resultado de uma identidade baseada nas diversas culturas existentes, sem desprezar os povos indígenas, os negros e os outros imigrantes que aqui chegaram. Desta forma, as fontes também foram ingeridas para o resultado desta estética que tentou abranger a diversidade, e não apenas uma elite autoritária que aqui existia. Macunaíma representa a multiplicidade do povo brasileiro e, com ele, Mário procurou um personagem que não se sentisse desterrado de sua própria terra, mas que para isso deveria ser “sem caráter”, ou seja, sem modelos pré-determinados. Assim, esta obra também serve como referência da antropofagia, estética baseado nos valores e características culturais de linguagens e costumes existentes no Brasil; não aqueles impostos pelos outros.

### **3.3 Transformação**

Winisk (CAFÉ FILOSÓFICO, 2016) relata que Mário escreveu a história de Macunaíma em 1926, sentado à sombra de árvores e levou apenas seis dias. Entretanto, esta semana foi o resultado da escrita do livro, uma vez que esta narrativa é resultado de pesquisas que o autor fez durante um longo tempo. A história de uma criança “feia” que nasce no fundo do mato virgem às margens do Rio Uraricoera pode ser entendida como a representação simbólica de um Brasil. O livro é narrado em terceira pessoa e apresenta em diversos espaços e um tempo cronológico não determinado. Pertence ao gênero rapsódia, narrativa que constitui uma oralidade, ora contada em prosa, ora contada em verso.

O romance que foi publicado em 1928 refere-se a um conjunto de lendas, folclores e mitos que existiam no Brasil e que ganha forma na imagem de um sujeito considerado um “herói sem caráter” que cresce em busca do que é mais fácil, querendo levar vantagem, vivendo aventuras e buscando a afirmação da sua própria identidade. Podemos ver esses traços de sua personalidade em vários trechos da narrativa, a esperteza, a malandragem está

sempre presente em seu personagem. Macunaíma, que estava sempre atento a tudo que acontecia em sua volta, desde pequeno ficava de olho em todas as mulheres, e nos homens, que ele desprezava. Enganando seus irmãos e em sua inocência, sempre fazia manha para chamar atenção até conseguir o que queria. Era tanta esperteza que até sua mãe não suportou tanta malandragem e maldade e com muita decepção decide colocar o menino fora, bem longe de sua tribo. Ele fica perdido no mato por algum tempo, quando ia começar a chorar ele percebeu que não tinha ninguém para lhe bajular e resolveu agir, por conta própria apesar de tudo.

Para este trabalho o que interessa são as suas transformações ao longo da narrativa porque a ideia é demonstrar como sua identidade é antropofágica. Macunaíma está em permanente mudança e é, neste sentido, também sua ausência de caráter. O que marcarei aqui são as metamorfoses fundantes na construção do personagem. Nasce no fundo do mato virgem a margem do Rio Uraricoera filho uma índia chamada Tapanhuma. Era preto retinto e filho do medo da noite. A primeira mudança é a fala porque até os seis anos de idade não falava nada, só ficava brincando com seu chocalho. Quando sua mãe pede para falar algo, ele só diz: “ai que preguiça”. Sua sexualidade é iniciada a partir dos passeios na floresta com sua cunhada Sofará. O personagem se transforma em belo príncipe e “brincam” dentro da mata à tardinha. Quando volta para casa retorna ao corpo de criança e o cansaço de Sofará faz parecer que é por ter carregado o menino nas costas. Entretanto, esta transformação ocorre sempre que vai ao mato com a cunhada. Quando volta para casa, ele torna-se criança maneira como costumava ser.

Quando sua mãe o deixa no meio da mata, ele encontra o Curupira que pretende comê-lo. O Curupira ensina o caminho errado para que Macunaíma caia na armadilha, mas por ser preguiçoso se desvia do caminho e ludibria o guardião da floresta. Ao contar isso como vantagem à Cotia, pensa que seria elogiado, mas a vó fica brava e coloca um caldo em seu corpo que cresce embora sua cabeça seja pequena. Essa transformação é uma das muitas modificações que o personagem sofre durante seu percurso, de uma criança passa a ser um indivíduo que tem corpo de adulto, mas uma mentalidade de infantil. Então, o caráter infantilizado continua, pois apronta peripécias, faz maldades, mas fisicamente transforma-se.

Macunaíma como um sujeito esperto encontra o caminho de volta para casa e ao chegar vê sua mãe morta. Ocorre que no percurso o personagem mata um veado fêmea e deixa os filhotinhos órfãos. Na lei da floresta o que se faz se recebe. Assim, junto com seus irmãos Jiquê e Maanapa, resolve ir embora da tribo. No processo de migração encontra com a Ci, a mãe do mato, aquela que manda na floresta e que apenas usa os homens para gerar

filhos. Inclusive quando nascem os meninos, estes são mortos, por isso aquela aldeia era constituída apenas por mulheres.

Macunaíma logo encanta-se por, Ci mas ambos “peleiam” e por ela ser uma guerreira, ele acaba levando uma surra. Apesar da desvantagem dizia aos irmãos: “me segura se não eu mato”. Este aspecto é típico dos brasileiros que gostam de contar vantagem, falar muito e fazer pouco. Macunaíma torna-se Imperador da floresta, nova transformação, e vive feliz durante algum tempo com Ci. Ganham um filho que em seguida morre, talvez por vingança da Floresta, pois os meninos não sobreviviam na tribo das Icamiabas, ou por morte natural ou assassinada. No caso de seu filho isso fica ambíguo porque ao ter sido morto pelo veneno da cobra que mamou no peito de sua mãe, não dá pra saber se foi ou não premeditado. Ci fica muito triste e Macunaíma enterra seu filho. Este fato ganha importância porque ser pai seria uma transformação que talvez o tornasse um sujeito maduro. Entretanto, seu fruto gerou uma planta, o que resultou no pé de guaraná.

O universo que cerca Macunaíma é constituído de transformações. Seu filho, por exemplo, morre e nasce como árvore que dá origem a bebida popular de muitos brasileiros, o guaraná; enquanto Ci vira uma estrela, a Beta do Centauro. É interessante perceber que um vai aos céus e outro é enterrado, enquanto Macunaíma permanece sua caminhada.

A crença nas estrelas, nos amuletos e na sua proteção são elementos fortes da crença indígena que está presente no romance. Macunaíma recebe uma pedra, chamada muiiraquitã, de Ci e a perde no rio. Esta pedra ganha um sentido de amuleto, de proteção. Depois de despedir-se das Icamiabas segue com seus irmãos em busca de novos horizontes. Em uma de suas aventuras quando resolveu “brincar” um pouco com as índias, encontra o monstro Capei, comedor de gente, e ao fugir acaba perdendo seu amuleto da sorte, que vai parar nas mãos desse mostro. Macunaíma fica desesperado e começa uma busca. Depois de muitas andanças descobre através de um passarinho que a pedra esta nas mãos de um colecionador de joias, o Gigante Venceslau Pietro Pietra, um comerciante peruano que morava em São Paulo. O herói então parte para São Paulo pelo Araguaia, levando consigo alguns produtos da mata para a sua despesa, como cacau e outras riquezas da floresta.

A perda do amuleto representa a perda das riquezas da floresta para os povos estrangeiros. A exploração e contrabando de nossas riquezas como as pedras preciosas, como Pau Brasil, como os papagaios enfim, elementos minerais, vegetais e animais que existem aqui e são levados para fora do país.

Macunaíma antes de chegar a São Paulo passa por um lugar onde tinha água e resolve banhar-se para refrescar seu corpo antes de seguir viagem. Quando se atira no buraco de água

cristalina, sai do banho loiro de olhos azuis, pois o poço era encantado. Com a transformação de “negro retinto nascido no meio da mata amazônica” passa para loiro que vai morar em São Paulo. Seus irmãos também quiseram trocar de cor, mas Jiquê ficou de bronze, representando o índio, e Maanape só molhou a palma da mão, dos pés e continuou negro. Os três formam a identidade brasileira.

Macunaíma chega a São Paulo e metamorfoseia-se em um sujeito culto e inteligente. Encontra uma cidade muito diferente de tudo que conhecia. Teve um choque de cultura, e linguagem, pois vinha do meio da selva da floresta e depara-se com a grande diversidade de uma cidade agitada e cosmopolita, onde as pessoas se confundem com as máquinas. Depois de ter percorrido muitos lugares antes de chegar a São Paulo e do grande impacto com tudo aquilo, Macunaíma se recuperou do que sofrera e colocou seus pensamentos em ordem para focar em seu objetivo que era encontrar o amuleto. O conflito que o personagem sofre quando se depara com as diferenças, não há um pertencimento naquela terra, há também um sentimento de nostalgia, e Macunaíma começa a cantar mantras de sua tribo, para, ao menos, recordar os costumes que deixou na floresta.

Em sua primeira investida contra o gigante comedor de gente ele se deu mal acabou levando uma flechada do gigante e acabou morrendo, e quando estava sendo preparado para se servido de refeição por o gigante, seu irmão Maanape fez um trabalho para recuperar a vida do irmão. Por ele ser um feiticeiro famoso pegou os pedaços e colou todo e fez suas “macumbas” e rezas e então Macunaíma voltou à vida. Esse fato também era e é uma tradição dos povos indígenas. Macunaíma, apesar de seu caráter duvidoso e impróprio a um herói e de estar sempre com muita preguiça, característica forte de sua personalidade, era grande apreciador de tudo o que a vida podia lhe proporcionar com facilidade, através das suas malandragens, no sentido de não levar a sério as suas atitudes para se constituir um sujeito melhor.

Outra transformação é quando o protagonista se disfarça em uma francesa para resgatar o talismã, e tenta enganar o gigante, só que ele se encantou por sua beleza. Macunaíma na sua última investida que faz contra o gigante consegue matá-lo e resgatar seu amuleto só que herói não se contentou, e vai em busca de novas aventuras com seus dois irmãos.

No Rio de Janeiro o herói encontra Veia Sol, ele estava muito cansado e abatido pelo que tinha lhe acontecido anteriormente e pede ajuda para Sol só que ele estava muito fedido, pois um urubu tinha passado o tempo todo fazendo suas necessitas em cima do herói. Veia Sol decidiu ajudá-lo, pois ela tinha interesse que ele casasse com uma de suas três filhas que

lhe daria vários impérios, mas avisou o herói que não ficasse brincando com as outras gurias, mas mal ela virou as costas com suas filhas e deixou o herói na jangada ele já colocou uma portuguesa e começou a fazer festa com ela esquecendo totalmente a promessa que fez à Sol, quando ela chega e presencia o que estava acontecendo afugenta o herói e resolve castigá-lo.

No caminho de volta para Amazônia ele vai pegar sua namorada Irique e seus dois irmãos e volta para Amazônia às margens do Rio Uraricoera. Estava muito quente, ele resolve se banhar desviando-se do caminho e sendo seduzido por Uiara, tudo era castigo da Veia Sol. Mesmo sabendo que poderia ser destruído pelas piranhas, ainda assim ele, a princípio com alguns receios, se larga na água, é quando ele se depara com as piranhas que investem contra ele. Quando consegue se livrar dos bichos e sair da água ele percebeu que faltavam muitas partes do corpo, inclusive uma perna. Para castigar as piranhas, Macunaíma resolve colocar veneno nas águas daquele lugar, e depois abre todas as piranhas em busca das partes de seu corpo e do talismã que tinha perdido novamente, só que encontra apenas algumas partes do seu corpo, como as orelhas, e outras não ele, também não encontrou seu amuleto. A partir daí Macunaíma começa a se decepcionar com a vida e todos que o tinham abandonado, restava só o papagaio que contou toda a história. Ele ficou desorientado e perdido, pois não sabe mais a que mundo pertence. As inúmeras transformações o tornam “sem caráter”, pois não se considera mais um índio muito menos um homem da cidade. Por ter encontrado coisas tão diferentes em suas aventuras, tornou-se plural. O personagem volta então para a Amazônia em busca de suas origens, antes disso ele pega a sua consciência que tinha deixado no caminho, só que quando chegou ao lugar de origem encontra tudo diferente nem mesmo a sua maloca existia mais, estava tudo defasado. E muito triste e sozinho sem encontrar o que ele procurou a vida inteira, que era o seu lugar no mundo, Macunaíma percorreu todos esses lugares em busca de uma identidade própria e não encontrou e ainda perdeu tudo o que possui no mundo com suas picaretagens. A única solução era deixar este mundo cheio de incerteza e dor, onde a vida não tinha mais sentido. Macunaíma resolveu partir, pois não tinha nem onde dormir, só tinha o silêncio do rio Uraricuera, até os animais que eram seus companheiros o haviam abandonado, e os irmãos tinham virado sombra.

Como Macunaíma não encontra mais seu lugar no mundo resolve virar uma constelação, a Ursa Maior, e ficar lá encima brilhando sobre a sua tribo. “Ursa Maior” é uma constelação que na concepção indígena seria os pais dos vivos, que mandam orientações para seus filhos, da mesma maneira que o livro “Macunaíma” envia sinais para nós, leitores, sinais de uma obra construída no período da década de 1920, mas que ainda, está presente na construção da população dos brasileiros, do passado, presente e talvez do futuro. É o mesmo

que acontece muitas vezes com o povo brasileiro que se encontra desterrado em sua própria terra, devido as grandes diferenças sociais e políticas existentes, foi o que aconteceu com o personagem Macunaíma de Mário de Andrade que, quando não encontra mais seu lugar nesse mundo, fica confuso e melancólico. Esse é um momento da história que até o próprio escritor relata ser muito emocionante na finalização do seu livro.

A transformação dá-se também no âmbito da linguagem, pois o livro quebra com a ideia da identidade linguística única. Há uma passagem de Macunaíma que mostra um pouco disso. Quando Macunaíma resolve escrever uma carta para as índias Icamiabas para pedir um ajuda financeira, ele utiliza uma linguagem formal que de certo modo apresenta muitos erros gramaticais, com isso mostra a falta de coerência que está presente ao longo da obra, o propósito era esse mesmo mostrar a maneira das pessoas se expressarem, uma linguagem erudita, porém o personagem não conseguiu. Essa carta em primeira pessoa, pois é o próprio herói que esta falando, como se considera parte família, por serem da mesma tribo de Ci, sua amada que se foi para o além. Nessa parte outra vez Mário de Andrade está fazendo uma crítica ao brasileiro que tenta escrever de maneira formal, um português lusitano, mas quando fala utiliza uma linguagem coloquial, de certa forma o autor mostra uma pluralidade do povo brasileiro, que era um conflito muito grande daquela época que se falava de um jeito e escrevia de outro, pois se aproximava das misturas regionais, onde cada um tem a sua maneira de expressar sua linguagem, não que esteja errado e sim é utilizado de acordo com misturas de povos que habitam em cada região do Brasil.

A malandragem também é um traço de sua personalidade, pois o personagem tira vantagem da inocência tanto de seus próprios familiares como dos amigos e conhecidos. Assim, faz Macunaíma que dessa forma retrata essa sociedade brasileira, que só se importa com benefícios próprios, uma sociedade tanto daquela época como a dos dias atuais.

Neste sentido, o anti-herói sem nenhum caráter, remete não necessariamente ao princípio moral, do um sujeito mais por estar sempre em transformação. O Macunaíma é uma mistura do que tinha no Brasil daquela época e do que era trazido de fora e implantado aqui dentro, neste aspecto que ele é “sem caráter”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A ambivalência é uma característica importante do povo brasileiro que se constituiu de diferentes culturas. Este aspecto está presente em Macunaíma, pois de pequeno é chamado

“filho do medo da noite”, do murmurinho do rio de uma imensa escuridão, por outro lado, é uma criança artilosa que desde cedo tinha forte personalidade. O que a obra nos mostra ao trazer essa figura camaleônica é representar o personagem representativo do povo brasileiro, por isso sem “caráter”. Neste sentido podemos ver que Mário de Andrade faz uma analogia com a constituição do povo brasileiro, na qual o colonizador violentava as mulheres índias e negras e geravam “Macunaímas” e não “Moacires” como idealizava Alencar.

Essa violência e esse preconceito se manifestam em todos os sentidos da sociedade, o que faz com que esses indivíduos tenham mais dificuldade em encontrar perspectiva de vida, pois o preconceito está presente em todo lugar. A escuridão que Mário de Andrade apresenta na narrativa, não está presente apenas no passado, mas existe ainda hoje nas periferias, nos bicos esquecidos pela sociedade, onde persistem a violência e a fome.

Contudo, este mesmo sujeito que vive vários desafios está em sua maloca atento aos acontecimentos e seu principal divertimento que era arrancar a cabeça da formiga saúva, e quando alguém falava em dinheiro ficava atento e ativo para tentar ganhar alguns vinténs. Neste sentido, Mário não exclui do personagem, a figura do malandro que procura se dar bem a custa dos outros. O traço da sexualidade exacerbada também é um elemento significativo na configuração do protagonista, pois quando Sofará, sua cunhada, o levava para a mata, ele sempre se transformava em um lindo príncipe para “brincar”.

A partir de suas contradições, há um elemento que move Macunaíma, qual seja, o Muiraquitã. Em uma de suas aventuras perde este amuleto da sorte que possui grande valor cultural e mítico para sua tribo. O personagem não se afasta desta pedra que era objeto de cobiça dos colecionadores estrangeiros por ser uma joia de grande valor econômico. Mário de Andrade mostra que esta riqueza cultural serve com elemento comercial e exótico para o estrangeiro. Novamente, há aqui uma relação com o passado, pois com os colonizadores quando chegam ao Brasil procuram explorar as riquezas sem levar em conta a cultura local. O Muiraquitã, neste sentido, representa não apenas as riquezas como ouro, as pedras preciosas, o Pau-Brasil, mas também aquilo que marca nossa nação como a biodiversidade ambiental; enfim, aquilo que não pode ser avaliado apenas economicamente, e sim, como o elemento primordial e formador da nação, ou seja, a natureza.

Este trabalho de Conclusão de Curso buscou mostrar a importância da literatura para conhecer, refletir e até mesmo buscar modificar nossa realidade. Assim, esta narrativa possui uma grande relevância para a constituição de uma identidade nacional. Entretanto, Macunaíma, de certa forma, aproxima de minha história porque assim como o personagem, eu também sou marcado pela busca do meu Muiraquitã. O que me aproxima do personagem

Macunaíma é a busca constante de um amuleto ou de um sonho. No caso de Macunaíma, é a busca por seu amuleto da sorte, a pedra Muiraquitã, que perdeu em suas venturas, e passou a maior parte de sua vida à procura, já no meu caso eu passei boa parte da vida em busca de meus sonhos que era estudar, porém em vários momentos esse sonho foi interrompido, ou por falta de condições financeiras ou pela morte de algum familiar. Primeiro com a morte de meu pai tive que trabalhar para ajudar a criar meus irmãos, mais tarde quando pensei que poderia me encaminhar nos estudos, veio o falecimento de minha mãe. Mesmo quando consegui entrar na universidade tive de parar por causa da exclusão do curso de Letras diurno, depois por uma pandemia. Foram tantos obstáculos no decorrer da minha história, só que não perdi a esperança de um dia conquistar este sonho que ora estou realizando. Ao contrário de Macunaíma, eu continuarei procurando meu lugar no mundo e este objetivo é apenas mais uma etapa. Com a conquista do diploma de um curso superior, agora irei atrás de outros sonhos. Sei das dificuldades que encontrarei, mas não sou de desistir fácil. Este trabalho de Conclusão é a prova disto.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Sanches Neto, Miguel. Oliveira, Silvana. (Org.). Chapecó: Ed. UFFS, 2019.

CAFÉ FILOSÓFICO. *Macunaíma e o enigma do herói às avessas*. YouTube, 30 ago. 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=l\\_hWIfYna7k](https://www.youtube.com/watch?v=l_hWIfYna7k). Acesso em: 21 jul. 2022.

ANDRADE, Oswald. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924.

ANDRADE, Oswald. Uma adesão que não nos interessa. *Revista de Antropofagia*, 2ª denteição, n.10, *Diário de São Paulo*, 12 jun. 1929.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1971. DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação Sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

GARIBALDI, Sady. *Modernismo em pratos limpos*. O Globo. Rio de Janeiro, 9 fev. 1926.

GUELFY, Maria Lúcia F. *Novíssima: Contribuição para o Estudo do Modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1987.

LAGE FILHO. *Minas no moderno movimento literário*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924.

LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1926-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.

LUCA, Tania R. de. *A construção do ideal modernista: o lugar das revistas*. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Orgs.) *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011b.

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e os rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011. MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MENEZES, A. L. G. R. L. *Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases*. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2013.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ROMANELLI, Kátia Bueno. A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro. 1981. 265 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cecília de Lara. São Paulo, 1981.

SANT'ANA, Rivânia M. T., O Movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG: 1927-1929. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008.

SILVA, Mário Camarinha. Glossário de homens e coisas da Estética (1924/1925). In: Estética. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gernasa/Prolivro, 1974.